

JONGO & SAMBA & IJEXÁ & ETC: MÚSICA E TECNOLOGIAS NA UNIVERSIDADE ABERTA À TERCEIRA IDADE (UNATI) DA UNESP SÃO JOSÉ DO RIO PRETO

Bárbara Silva Madeira¹
Fábio Fernandes Villela²

RESUMO

Este texto apresenta o projeto que buscou compreender as inter-relações entre a sociedade contemporânea e o fenômeno do preconceito, especialmente o racial. Tem como objeto de estudo o preconceito racial presente em alunos da Universidade Aberta à Terceira Idade (UNATI) da Unesp de São José do Rio Preto. Possui como objetivo o enfrentamento ao preconceito racial, através do desenvolvimento de círculos de cultura. Dentre os resultados esperados, temos: possibilitar formação diferenciada aos participantes do projeto quanto ao enfrentamento do problema social do preconceito; difundir conhecimento gerado na Universidade junto à comunidade; incentivar o trabalho cooperativo entre os agentes da universidade e os participantes do projeto; vislumbrar políticas públicas mais eficientes e eficazes para a Educação de Jovens e Adultos (EJA).

Palavras Chaves: Preconceito racial; Círculos de cultura; Educação de jovens e adultos (EJA); Educação na terceira idade.

INTRODUÇÃO

Inicialmente o conceito de raça foi utilizado apenas como forma de classificar as espécies, porém a “população branca” utilizou tal classificação como meio para justificar determinados comportamentos de forma generalizada de acordo com Munanga (2003). Como forma de combate ao preconceito racial, o termo raça foi substituído por etnia, porém o preconceito permaneceu (Cf. Munanga, 2003).

O preconceito racial foi encoberto no Brasil a fim de elevar o país a um nível de democracia exemplar para os demais países no contexto pós-guerra, conforme afirma Fernandes (2013). Apesar dos estudos sociológicos que mostram a desmistificação da

¹ Bárbara Silva Madeira, Licencianda em Pedagogia da Universidade Estadual Paulista (Unesp), Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas (Ibilce), São José do Rio Preto, barbara.madeira@unesp.br

² Fábio Fernandes Villela, Doutor em Sociologia, Professor do Departamento de Educação da Universidade Estadual Paulista (Unesp), Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas (Ibilce), São José do Rio Preto, fabio.villela@unep.br

democracia racial, ainda é perceptível a existência de uma “branquitude acrítica”³ bem como um preconceito sutil, perceptível nas entrelinhas dos dizeres cotidianos (Cf. NUNES, 2010).

É em meio a tais problemas sociais na atualidade que se faz necessária a passagem da transitividade ingênua para a transitividade crítica, reconhecendo que todos somos produtores da história e que tudo é parte de um processo de construção (Cf. FREIRE, 1983). Nesse sentido, o presente trabalho apresentará uma pesquisa-ação realizada para alcançar tal conhecimento nos membros da Universidade Aberta à Terceira Idade da Universidade Estadual Paulista (Unesp), Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas (Ibilce), Campus São José do Rio Preto, (doravante, UNATI-Rio Preto), com os quais foram feitos círculos de cultura semanais, com duração de duas horas, nos anos de 2019 e 2020 (Cf. UNATI-Rio Preto, 2021).

Este projeto tem como referencial teórico os círculos de cultura, metodologia criada em 1960 por Paulo Freire em Recife, como forma de diminuir o analfabetismo e as desigualdades sociais⁴. Anos mais tarde, os “círculos” ganharam repercussão mundial. O nome “Círculo de Cultura” foi utilizado pela configuração espacial em que se encontravam educador e educandos. Paulo Freire parte da premissa para realizar os círculos de cultura de que todos têm conhecimentos diferentes, porém importantes, o que leva ao ensino por meio do diálogo e, portanto, democrático (Cf. MARINHO, 2009).

Nesse sentido, a utilização de círculos de cultura como metodologia de ensino para a pesquisa-ação foi importante, pela abertura ao diálogo que este proporciona, tornando o tema racismo mais fácil de ser abordado. Esta metodologia também contribuiu para a pesquisa-ação e a atividade do pesquisador observador participante, uma vez que foi criado um ambiente agradável e tivemos a aceitação do pesquisador por parte dos demais integrantes sem ressalvas (Cf. Tozoni-Reis, 2009). Esta mesma metodologia foi usada também na Espanha por Chaib (2010) como desmistificação da cultura erudita, mostrando que todos somos capazes de aprender. Os círculos de cultura também foram objeto de estudo de Marinho (2009), desde sua gênese até a constatação de sua versatilidade, uma vez que podem servir como metodologia de pesquisa, estudo e formação de professores.

A temática afro-brasileira foi trabalhada predominantemente por meio de músicas pré-selecionadas, que seguiam uma ordem cronológica de tempo, desde jongos, ijexás, até sambas mais atuais⁵. Nos círculos de cultura, que eram ao mesmo tempo rodas de samba (Cf. Souza,

³ “Branquitude acrítica” é uma identidade racial branca que, estando em meio aos seus privilégios, acredita ser superior às demais identidades raciais (Cf. GELEDÉS, 2020).

⁴ Para uma leitura mais detalhada do projeto sugerimos Madeira e Villela (2021).

⁵ O título do artigo faz referência à música: “Toada & Rock & Mambo & Tango & Etc” da banda Secos & Molhados, música de João Ricardo e Luli de 1974, uma das referências do projeto. A música foi elaborada como

2007), foram trabalhados diferentes aspectos e características culturais, como a melodia e ritmo por meio da percussão, canto e danças típicas e as letras musicais por meio do diálogo e estudo sistematizado. Além do estudo sobre a temática afro-brasileira, a pesquisa teve como objetivo integrar os idosos à sociedade e ao meio digital (Cf. Villela, 2014), por meio da produção de hipertextos no blog de aula e de atividades realizadas em outros espaços, como o Centro POP, que é um centro de atendimento a moradores de rua⁶.

Como metodologia qualitativa para a pesquisa, foram realizadas leituras bibliográficas sistematizadas culminando em fichamentos, que são as anotações dos pontos mais importantes das obras, bem como suas características de produção, o ano, a vida do autor e o contexto social em que a obra foi publicada (Cf. Tozoni-Reis, 2009). Foram produzidos diários de classe, que são anotações e apontamentos realizados ao final de cada aula, como ferramenta para constatar o que foi feito e possibilitar mudanças na elaboração dos círculos levando em consideração as dificuldades apresentadas pelos participantes, as necessidades de aprendizado e outras melhorias. Os diários possibilitam ao mediador do círculo, que neste caso também é professora em formação, aprender mais sobre sua atividade de docência.

Ainda como metodologia, porém agora quantitativa, foi feita a produção de um questionário no Google Formulários, a fim de analisar o preconceito racial existente na UNATI-Rio Preto, posteriormente compartilhado em mídias sociais vinculadas ao projeto. Este questionário foi compartilhado, por meio de mídias digitais, no grupo do Facebook da Eletro Folk Orquestra, no grupo do WhatsApp do Núcleo Negro da Unesp para Pesquisa e Extensão (NUPE) e, por e-mail. Para que a metodologia contribua com a descoberta das hipóteses criadas, as respostas do questionário foram analisadas tendo como apoio o embasamento teórico bibliográfico. Segundo Thiollent, “por si só, o questionamento não contém todas as garantias de anti-empirismo. É no controle de sua articulação com a problemática teórica que tais garantias podem ser encontradas” (THIOLLENT, 1987, p. 25).

Este projeto teve por resultados: (1) pesquisar o preconceito racial no território caipira (Cf. Villela, 2019); (2) ofertar Círculos de Cultura, para alunos de Educação de Jovens e Adultos (EJA); (3) enfrentamento do preconceito racial contra jovens e adultos negros e através do uso de mídias sociais, especificamente o Centro Virtual de Estudos e Culturas do Mundo Rural do orientador (Cf. Villela, 2014); (4) estudar as representações sociais sobre o preconceito

protesto contra a censura, com os integrantes da banda sussurrando: “Diga que não sei de nada/nem posso saber”, ao som de guitarra, baixo, bateria e sanfona (Cf. Almeida, 2019).

⁶ Centro de Referência Especializado para População em Situação de Rua (Centro POP) da Secretaria Municipal de Assistência Social (SEMAS) de São José do Rio Preto – SP.

racial no território caipira; (5) armazenar hipertextos produzidos pelos alunos atendidos pela UNATI-Rio Preto, de modo a propiciar a elaboração de pesquisas interessadas na Educação de Jovens e Adultos (EJA); (6) desenvolver metodologia que permite integrar as ferramentas das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) por meio do uso do blog de aula, como parte das atividades de ensino-aprendizagem; (7) sistematizar os principais problemas referentes ao preconceito racial identificados através dos hipertextos produzidos; (8) vislumbrar meios de aprimoramento das atividades de formação de professores e gestores, a partir do diálogo a ser feito com os alunos participantes do projeto. A seguir apresentamos a metodologia do projeto.

METODOLOGIA

Este projeto utilizou métodos quantitativos e qualitativos como estratégia de desenvolvimento da investigação. Quanto à metodologia quantitativa foi utilizado um *survey*, conforme apresentado por Babbie (2005, p. 77), através do Google Formulários. O Google Formulários é um serviço gratuito para criar formulários online. Nele, o usuário pode produzir pesquisas de múltipla escolha, fazer questões discursivas, solicitar avaliações em escala numérica, entre outras opções. A ferramenta é para quem precisa solicitar feedback sobre algo, uma pesquisa, organizar inscrições para eventos, convites ou pedir avaliações. O Google Formulários permite criar questionários e acompanhar as respostas. O funcionamento do serviço é totalmente online, ou seja, a ferramenta é compatível com qualquer navegador e sistema operacional. Os dados ficam salvos na conta institucional do orientador. Cabe destacar que a Unesp possui parceria com a Google.

Quanto à metodologia qualitativa, este projeto utilizou Círculos de Cultura (Cf. Linhares e Dantas, 2014; Chaib, 2010; Marinho, 2009; Freire, 1994 e 1983; Freire e Betto, 1985). Tal metodologia visa auxiliar os educandos a evitarem relações discriminatórias com relação à população negra, auxiliado pelo uso de mídias sociais, especificamente através do blog de aula Centro Virtual de Estudos e Culturas do Mundo Rural (Cf. Villela, 2014). Depois do Círculo de Cultura, os alunos são convidados a escrever e/ou postar suas opiniões sobre tudo que estiver relacionado com o conteúdo apresentado de forma manuscrita ou virtual no referido blog de aula.

A ideia é reaproveitar a experiência das “rodas de samba” (Cf. Souza, 2007), como círculos de cultura (Cf. Chaib, 2010). As rodas de samba indicam práticas relacionadas à grupos que trabalham a preservação e continuidade de antigas manifestações rurais praticadas no interior paulista, tais como o Samba de Bumbo, Samba Lenço ou Batuque de Umbigada, Jongo,

também denominados por Mário de Andrade (1937) como “Samba Rural Paulista” (Cf. Andrade, 1937). Contemporaneamente vincula-se a criação de núcleos de revalorização do samba e de suas tradições recriadas em espaço urbano, estes concentrados na região metropolitana de São Paulo, Campinas e São Carlos. A roda de samba, segundo Souza (2007, p. 11) é uma manifestação cultural que envolve o encontro comunitário marcado pelos diversos elementos que compõem o ambiente da roda de samba (tocar, cantar, dançar, comer, etc.). Na “roda de samba” há um conjunto de atividades humanas que vai da fruição à reflexão gerada pela consciência da inserção desta manifestação em um determinado contexto social e também pelas ações de recuperação da memória dessa manifestação e de personalidades tidas como referências dentro do que esses agrupamentos consideram como um patrimônio do samba e da cultura brasileira (SOUZA, 2007).

Ao trabalhar nessa perspectiva, muitas vezes aflora o preconceito dos participantes, motivo da pesquisa. Alguns falam: “Isso é macumba!” (Geledés, 2020). Conforme explica Geledés (2020), “macumba” é uma espécie de árvore africana e também um instrumento musical (reco-reco de bambu), utilizado em cerimônias de religiões afro-brasileiras, como o candomblé e a umbanda. O termo, porém, acabou se tornando uma forma pejorativa de se referir a essas religiões e, sobretudo, aos “despachos” feitos por alguns seguidores. Na árvore genealógica das religiões africanas, “macumba” é uma forma variante do candomblé que existe só no Rio de Janeiro. O preconceito foi gerado porque, determinadas igrejas e grupos cristãos consideravam profana a prática dessas religiões. Com o tempo, quaisquer manifestações dessas religiões ou mesmo algumas músicas, passaram a ser tratadas como “macumba” (Cf. GELEDÉS, 2020). A seguir apresentamos alguns resultados e a discussão.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

No *survey* aplicado, quando os participantes foram questionados sobre sua cor, 4 pessoas de um total de 96 entrevistados disseram ser de cores “impossíveis” ao ser humano. Esse procedimento de escamoteamento da identidade étnica já foi observado em outras situações, especialmente nas análises do Censo de 1980 (Cf. Moura, 2019, p. 91). Uma vez que a cor de pele não é tida com respeito em um questionário, podemos concluir que o mesmo ocorre diariamente na sociedade. Outros dados que comprovam a continuidade do preconceito ao longo do tempo até a atualidade são, por exemplo, o uso de termos ofensivos como “a cor do pecado”, “a coisa ta preta” e “inveja branca” pela maioria dos participantes do questionário, representando 61,4%. Na sequência, a fala é transcrita exatamente como a original.

O preconceito é nítido quando observamos falas como esta: “Sem chance não tem como dizer que o é racista deve estar morrendo mais negros devido o fato do vírus estar propagando na aquela região q residem” em resposta à pergunta “Em Chicago os negros representam 68% das mortes da cidade e mais de 50% dos casos de Covid-19, mas representam apenas 30% da população total da cidade. Você considera o fato apresentado uma consequência da discriminação e desigualdades sociais?”.

Se os negros correspondem a 30% da população de Chicago e 50% dos contaminados pelo Covid-19 são negros é porque eles se contaminaram mais que os brancos. Conforme o exposto cabe dizer também que os negros tiveram menos acesso à higienização necessária para a prevenção da doença, bem como leitos hospitalares, uma vez que correspondem a 68% das mortes na cidade. Apesar dos dados apresentados até então, são perceptíveis as mudanças que vêm ocorrendo na conscientização das pessoas, pois podemos observar respostas ao que se refere à utilização de expressões de cunho racista como “Infelizmente sim”, “Não mais” e “Utilizei, fico constrangida por ter utilizado”. Esse processo de mudança de concepções e hábitos é lento e contínuo, não ocorrendo sem que as pessoas sejam questionadas e levadas a refletir sobre suas práticas. É nesse contexto que o projeto tem seu papel fundamental no processo de conscientização e tomada de decisão na sociedade.

No projeto são realizadas escritas no blog de aula, que apresentam dificuldades e superações por parte dos idosos. Em determinados momentos, faz-se necessário o uso da escrita em papel para posteriormente fazer a escrita no computador. Os conhecimentos adquiridos semanalmente são de extrema importância para a melhoria nas atividades diárias dos idosos (Cf. Silveira et al., 2010).

O projeto traz como base para sua realização os círculos de cultura de Paulo Freire. Apresentam, por tanto, um diálogo crítico sem desconsiderar as vivências de cada indivíduo. Por meio desse diálogo, são trabalhados conhecimentos ancestrais sobre a cultura afro-brasileira, mais especificamente seus aspectos musicais. Esse conhecimento é necessário para o combate ao preconceito, uma vez que este é fruto da ignorância sobre determinado tema, acontecimento, etc. Os vínculos são de extrema importância tanto para a vida dos idosos quanto para a pesquisa e o ensino. Quando os participantes começam a se sentir em um ambiente familiar, apresentam uma facilidade maior para se abrirem e com isso relatam preconceitos vivenciados ou apenas presenciados, conhecimentos historicamente acumulados, etc. (Cf. Marinho, 2009).

Como base no que os círculos de cultura promovem mais recentemente, temos o artigo produzido por Chaib (2010). Nele, o autor traz os círculos de cultura realizados na Espanha

como forma de promover o conhecimento para aqueles que a ele não tiveram acesso até então. Tem como exemplos o ensino da música erudita e a literatura clássica por meio dos conhecimentos prévios dos participantes, como a percepção auditiva do chilrear dos pássaros, para que estes percebam que o conhecimento até então classista é possível de ser aprendido e que todos têm capacidade de adquiri-lo. Assim, com a aquisição de capital cultural, podem seguir suas próprias convicções em vez de se submeterem ao que as classes economicamente favorecidas impõem.

A respeito dos círculos de cultura utilizados no projeto, temos o exposto por Linhares e Dantas (2014). Para as autoras, todos os participantes nos círculos são detentores do saber e toda a forma de conhecimento deve ser respeitada, tendo em vista que neles são discutidos problemas em comum. A intenção do educador jamais pode ser a de impor determinados conhecimentos, e sim de construir uma ponte que leve o educando a refletir sobre todas as possibilidades existentes. Convencer, para um autoritário, é passar uma esponja na possibilidade de duvidar. Convencer, para um educador radicalmente democrático, é jamais passar a esponja em nenhuma possibilidade de dúvida. Em lugar do imobilismo que as certezas demasiado certas quase sempre provocam, o que se pretende nesta postura substantivamente democrática é estimular a incerteza como caminho de ganhar a certeza. (Cf. Freire e Betto, 1988, p. 76).

Como modo de trabalhar o que é a cultura afrobrasileira nos círculos de cultura, foram realizadas rodas de música afrobrasileira como o samba paulista, o jongo e outros, com base na dissertação de mestrado de Souza (2007). Assim como a experiência trazida por Santos e Alves (2010), o projeto também utilizou músicas que possibilitam uma ampla abertura ao diálogo, em virtude das suas letras que remetem ao passado histórico. Entre as músicas escolhidas para se trabalhar no projeto, temos “Saracura”, jongo de Darcy Monteiro, “As baratas”, ponto de visaria de Darcy Monteiro, “Cangoma” de Clementina de Jesus, entre muitas outras. Como ponte entre as músicas mais antigas e mais recentes, ou de maior conhecimento pelos participantes como forma de mostrar que os ritmos permanecem atualmente, foram escolhidas as músicas “Anunciação” de Alceu Valença e “Batuque na Cozinha” de Martinho da Vila.

A música “Saracura” apresenta referência à senzala e ao tempo de escravidão em sua letra e referência ao jongo por meio da estrofe “um jongueiro sentia falta do caxambu”, com a qual foi possível trabalhar também a nomenclatura dos instrumentos utilizados no projeto. A música “Cangoma” também permitiu voltar aos tempos de abolição da escravidão, pois em seu refrão “Tava durumindo cangoma me chamou, disse levanta povo cativo já acabou”, vemos que foi feita uma comemoração com o uso da cangoma, instrumento percussivo, ao se declarar

o fim da escravidão, “cativeiro” trazido pela música. Por fim, foi discutida a música “As baratas”, que é uma música de tamanha sutileza ao dar duplo significado ao termo baratas. A música “Anunciação” foi de grande impacto para todos os participantes por ser atual e apresentar o mesmo ritmo de músicas afro-brasileiras de tempos mais distantes. Os participantes também gostaram da música “Batuque na cozinha”, que, além de já ser conhecida, traz uma situação diferente do que ocorre em uma cozinha. Foi uma boa escolha de samba, pois além da melodia trabalhada, foi uma oportunidade de analisar com um outro olhar a letra. Para ter acesso as letras completas das músicas, conferir o website do Jongo da Serrinha (2019).

São estes conhecimentos e muitos outros que não devem passar despercebidos, e sim ser resgatados, como forma de conhecer o passado e se identificar com seu país, bem como extirpar preconceitos enraizados. Segundo Freire (1983), a humanização do ser humano é alcançada por meio do conhecimento e da passagem da transitividade ingênua para a transitividade crítica. Assim, dentro de uma perspectiva histórica, ele deve se sentir parte produtora dos acontecimentos sociais, conforme aponta Marinho (2009). O projeto também é um ato político, na medida em que muda as percepções dos participantes envolvidos e, por consequência, das pessoas que estão em seus ambientes de convívio. É através do ensino-aprendizagem sobre a cultura afro que passamos a tratá-la de forma igualitária, com respeito (Cf. Freire, 1994).

Como forma de análise e constatação ou refutação do exposto até então, foi utilizada uma metodologia qualitativa, analisando textos produzidos pelos participantes do projeto no blog de aula Centro Virtual de Estudos e Culturas do Mundo Rural (Villela, 2014), cujo objetivo inicial foi criar um espaço virtual para desenvolver tópicos na área de educação cooperativa com alunos de ensino fundamental e médio. O quadro, a seguir, foi produzido a partir da escrita dos participantes do projeto, após a análise do documentário do Mestre Moa do Katendê, uma figura histórica de extrema importância para a cultura afro-brasileira.

Romualdo Rosário da Costa (Salvador, 1954 - 2018), conhecido como Mestre Moa do Katendê, foi um compositor, percussionista, artesão, educador e mestre de capoeira brasileiro. Promoveu o afoxé, fundando em 1978 o “Badauê”, e em 1995 o “Amigos de Katendê”. Defendia um processo de “Reafricanização” da juventude baiana e do carnaval. Foi assassinado com doze facadas pelas costas, após o primeiro turno das eleições gerais de 2018, por discussões políticas (Cf. Geledés, 2020). A seguir o quadro com a escrita dos participantes no blog de aula.

Quadro 1 – Escrita dos Participantes no Blog de Aula Centro Virtual de Estudos e Culturas do Mundo Rural

Participante A 20/03/11 16:23

A morte de mestre Moa foi uma grande perda prá nossa cultura. Ele ressaltou muito bem nos carnavais o afro ritmo no Brasil. Quanto ao seu assassinato, percebemos o nível de intolerância cada vez maior nos seres humanos. Muito triste!!
--

Participante B 20/03/11 16:26

Já tinha ouvido falar do mestre Moa, mas não tinha a noção da importância dele para a cultura baiana. Conhecer a história do mestre Moa foi importante para valorizar ainda mais a cultura dos negros ligados aos afoxés.

Participante C 20/03/11 16:29

A aula foi riquíssima, nos trazendo um lado da cultura brasileira mais centralizada no Nordeste, de grande importância cultural para o Brasil. O conhecimento do mestre Moa que foi o fundador do afoxé badauê. A aula acrescentou muito naquilo que se refere à cultura afro-brasileira apesar de conhecer ritmos, grupos e músicas africanas, o mestre Moa vem trazer algo a mais. Foi lastimável a sua morte.
--

Participante D 20/03/11 16:31

Mestre Moa foi um grande expensor da cultura afro baiana fazendo assim ser conhecida em todo o Brasil e no exterior com suas criações da cultura negra baiana.
--

Fonte: Villela (2014)

Ao analisarem e discutirem as músicas afro-brasileiras, os participantes foram passando de uma consciência ingênua para uma consciência crítica, como podemos perceber na fala do participante B, que traz com clareza a importância de conhecer, de modo mais aprofundado, a gênese dos afoxés. Esse mesmo processo de aprendizado e conscientização também pode ser percebido em um pequeno trecho da fala do participante C. Junto aos círculos de cultura foram elaborados diários de classe após os encontros como meio de garantir a preservação dos diálogos propostos e mediados. Por meio destes, foi possível fazer reflexões sobre as práticas efetuadas, garantindo mudanças necessárias conforme as dificuldades apresentadas. Isso inclui, por exemplo, a escolha de músicas mais ou menos vibrantes conforme a agitação e disposição dos participantes.

Nesses diálogos, anotados nos diários de classe, houve um depoimento que trarei como relato a fim de elucidar comportamentos existentes na atualidade e que marcam de forma cruel a vida de quem os presencia. “Você tem farinha de macumba na cabeça”. Esta fala trazida por um participante é importante na construção de novas identidades, uma vez que, ao ouvirem-na, os novos integrantes do grupo mudaram sua concepção a respeito da existência do preconceito na atualidade, pois acreditavam que a discriminação era apenas coisa do passado. É por meio desses conflitos entre concepções pré-concebidas e novos saberes que as pessoas amadurecem seu pensamento e levam adiante novos conhecimentos. Outro apontamento realizado no diário de classe consiste na mudança de percepção sobre o que é macumba. Quando o professor mediador traz a origem da palavra, é perceptível a mudança de postura, olhar e prosseguimento do diálogo.

Além de saberes sistematizados que têm por consequência a diminuição do preconceito racial e racismo estrutural⁷ (GELEDÉS, 2020), os círculos de cultura proporcionaram saberes históricos que fazem as pessoas verem sua vida com outro olhar, um olhar que questiona os porquês e as origens de nossa cultura e, principalmente, nos faz ver como somos produtores do que temos à nossa volta, nossa capacidade de transformação. Para Freire e Betto (1998, p. 61), “uma pessoa politizada é aquela que passou da percepção da vida como mero processo biológico para a percepção da vida como processo biográfico, histórico e coletivo”. Florestan (2013) aponta a importância de se fazer uma conscientização, mas salienta que esta não é suficiente, uma vez que medidas práticas devem ser tomadas para que a mudança ocorra de fato. A seguir as considerações finais sobre o projeto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com toda a explanação trazida ao longo do artigo, é notório que o racismo no Brasil aparenta uma estrutura feita para benefício de uns e exclusão e subalternização de outros, sendo denominado mais atualmente de racismo estrutural. Desse modo faz-se necessário trazer o lugar de fala em que se encontra o produtor da pesquisa e do artigo. É o lugar de um pesquisador observador comprometido com a sociedade em que vive e que constata as desigualdades sociais, injúrias e difamações presentes em sua região de trabalho. O preconceito racial no Brasil e mais especificamente no interior do Estado de São Paulo é uma prática enraizada que deve ser extirpada por meio da aprendizagem. Quando o cidadão aprende um determinado assunto de forma crítica, ele transita de um conhecimento massivo para um conhecimento elaborado que permite um novo olhar para com a sociedade.

Um ponto a se ressaltar no projeto quanto à transição de conhecimentos foi a escolha das músicas a serem trabalhadas com a terceira idade, com letras cujos significados permitiram a abertura ao diálogo, pois remetiam ao passado e à história de vida dos participantes. Esse compartilhar e trocas de experiências a respeito do racismo também foi possível pelos vínculos criados durante o projeto entre o professor mediador e demais participantes por meio de trocas de experiência, acolhimento e parceria. O projeto de extensão foi fundamental para a formação tanto dos participantes como do professor mediador, que uma vez imerso nas práticas de ensino

⁷ “Racismo estrutural” é um tipo de preconceito que usa a meritocracia para desresponsabilizar aqueles que de alguma forma contribuem diariamente para a permanência de uma mesma posição social dos subalternos para que a sua não seja alterada e principalmente prejudicada (Cf. Geledés, 2020).

aprendizagem pôde compreender melhor o método de Paulo Freire e como se dão os círculos de cultura, bem como conhecer mais sobre a cultura de seu país.

O estudo sobre a cultura afro-brasileira foi importante para o resgate de conhecimentos ancestrais que foram se perdendo ao longo do tempo, como a própria estrutura das rodas de capoeira, nas quais o conhecimento do mestre é de fundamental importância. Trata-se de conhecimentos que serão repassados para filhos, netos e bisnetos, contribuindo para a formação de uma sociedade na qual todas as gerações sejam mais informadas.

O projeto também trouxe conhecimentos de Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) por meio da escrita no blog de aula. O conhecimento não deve ter limites e não há idade para se aprender, e é nessa perspectiva que os idosos tiveram todo o apoio durante as atividades de escrita. Toda atividade de informática é um caminho para a inclusão digital do idoso, que apresenta maiores dificuldades com o uso de aparelhos eletrônicos e outras atividades diárias, como o uso do caixa eletrônico no Banco. Apesar dos pequenos avanços que podemos observar em nossa sociedade, não podemos ter os moldes atuais como perfeitos e parar de lutar pelos direitos. O racismo permanece à medida em que as pessoas se tornam apáticas aos seus semelhantes, pois somos iguais dentro de nossas diferenças.

AGRADECIMENTOS

Ao programa PIBIC/Reitoria/CNPq/UNESP 2019/2020 EDITAL 04/2019 – PROPe. Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” / UNESP / 2019, pela concessão da bolsa de Iniciação Científica ao projeto.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Miguel de. **Primavera nos dentes**: a história do Secos & Molhados. São Paulo: Três Estrelas, 2019.
- ANDRADE, Mario de. O samba rural paulista. Separata da **Revista do Arquivo Municipal n. 41**. São Paulo: Departamento de Cultura, 1937. Disponível em: < <http://www.samba-choro.com.br/s-c/tribuna/samba-choro.0201/1135.html> >. Acesso em 11 set. 2017.
- BABBIE, Earl. **Métodos de pesquisas de survey**. Belo Horizonte, Ed. UFMG, 2005.
- CHAIB, D. Music listening circles: Contributions from development education to democratising classical music developments. **Policy & Practice: A Development Education Review**, Centre for Global Education, University Street, Belfast, vol. 10, Spring, 2010, p. 42-58. Disponível em: < <https://www.developmenteducationreview.com/issue/issue-10/music-listening-circles-contributions-development-education-democratising-classical> >. Acesso em: 04 maio 2019.
- FERNANDES, F. **O negro no mundo dos brancos**. 1.ed. digital. São Paulo, 2003.
- FREIRE, Paulo. **Cartas a Cristina**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.
- _____. **Educação como prática da liberdade**. 14. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.
- _____.; BETTO, Frei. **Essa escola chamada vida**: depoimentos ao repórter Ricardo Kotscho. São Paulo: Ática, 1985.

GELEDÉS. **Website do Geledés Instituto da Mulher Negra**. Internet. São Paulo – SP, 2020. Disponível em: < <https://www.geledes.org.br/> > Acesso em 24 Julho 2021.

JONGO DA SERRINHA. História do Jongo e o Jongo da Serrinha. **Website do Jongo da Serrinha**. Disponível em: < <http://jongodaserrinha.org/historia-do-jongo-no-brasil/> > Acesso em: 02 jul 2019.

LINHARES, A. M. B.; DANTAS, V. L. Círculos de cultura: problematização da realidade e protagonismo popular. **Segundo Caderno de Educação Popular em Saúde**. 1. ed. Brasília: Editora MS, 2014, v. 2, p. 73-80.

MADEIRA, B. S.; VILLELA, F. F. Macumba é isso aqui! O enfrentamento ao racismo por meio de projetos na Universidade Aberta à Terceira Idade da Unesp (UNATI) Campus de São José do Rio Preto. **Revista Extensão & Sociedade**, v. 12, n. 1, 10 maio 2021. Disponível em: < <https://periodicos.ufrn.br/extensoesociedade/article/view/23782> >. Acesso 24 de julho de 2021.

MARINHO, Andrea R. B. **Círculo de cultura: origem histórica e perspectivas epistemológicas**. 2009. 125p. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo.

MUNANGA, K. **Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia**. Palestra proferida no 3º Seminário Nacional Relações Raciais e Educação-PENESB-RJ, 2003. Disponível em: < <https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2014/04/Uma-abordagem-conceitual-das-nocoes-de-raca-racismo-identidade-e-etnia.pdf> > Acesso em: 14 set. 20.

MOURA, Clóvis. **Sociologia do negro brasileiro**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2019.

NUNES, S. S. **Racismo contra negros: um estudo sobre o preconceito sutil**. 2010. Tese (Doutorado em Psicologia). Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo – SP.

SANTOS, S. R.; ALVES, R. C. A música como instrumento para o letramento de jovens e adultos. In: CAMARGO, M. R. R. M. (Org.). et al. **Educação de jovens e adultos: fronteiras entre experiências e saberes**. PROEX São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. p. 15-26.

SILVEIRA, M. M. et al. Educação e inclusão digital para idosos. **RENOTE - Revista Novas Tecnologias na Educação**. Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias na Educação (CINTED) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), v. 8, n. 2, julho, 2010. Disponível em: < <https://seer.ufrgs.br/renote/article/view/15210> >. Acesso 24 julho 2021.

SOUZA, Eduardo Conegundes de. **Roda de samba: espaço da memória, educação não-formal e sociabilidade**. Dissertação de mestrado. Campinas, Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, 2007.

THIOLLENT, M. **Crítica metodológica, investigação social e enquete operária**. São Paulo: Polis, 1987.

TOZONI-REIS, M. F. C. **Metodologia da pesquisa**. 2. ed. 2009.

VILLELA, Fábio F. Cultura ambiental na Educação de Jovens e Adultos (EJA): trabalhando com música e tecnologias, enfrentando preconceitos no território caipira. 2019-2021. **Projeto de Pesquisa do Plano Global de Atividades**. Departamento de Educação, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2019.

_____. Centro Virtual de Estudos e Culturas do Mundo Rural. **Projeto de Extensão – Proex – Unesp**. Internet, São José do Rio Preto, 2014. Disponível em: < <http://www.cecmundorural.com.br> >. Acesso em: 28 mai. 2020.

UNATI-Rio Preto. Website da Universidade Aberta à Terceira Idade da Universidade da Universidade Estadual Paulista (Unesp), Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas (Ibilce), Campus São José do Rio Preto. 2021. Disponível em: < <https://www.ibilce.unesp.br/#!/terceira-idade/> >. Acesso em 21 julho de 2021.